Cabo Delgado

# Investigar cultura popular

Texto de Ernesto Cassimuca
Fotos de António Afonso e Andrea Dolfler

*Escultura maconde em Nandimba*

**O Projecto Arquivo do Património Cultural (ARPAC), criado pela Secretaria de Estado da Cultura, fundou em Maio, na Província de Cabo Delgado, um núcleo composto por 11 elementos. Um antropólogo moçambicano e oito assistentes da investigação, trabalham em brigadas que actuam nos distritos de Mueda e Mocímboa da Praia. Uma brigada trabalha actualmente em Pemba, Metuge, Muchara e Mazeze, distrito de Mecúfi e depois irá fixar-se no distrito de Chiúre, na recolha de informações sobre a história de Magama.**

Na capital provincial, Pemba, o núcleo possui dois sectores sendo um para a documentação de dados e outro para a montagem e produção de audiovisuais. O Centro de Documentação por Escrito encontra-se na fase de organização.

O Arquivo do Património Cultural,

em Cabo Delgado, tem por objectivo recolher dados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais no campo, para valorizar e divulgar a diversidade das ricas tradições do património na província. Para atingir tais objectivos, o ARPAC realiza estudos a partir de alguns temas definidos para cada distrito.

O projecto começou em Cabo Delgado, dado o importante papel que desempenhou durante a luta armada, a arte do seu povo e a resistência heróica demonstrada na recusa à dominação e penetração colonial portuguesa. O projecto vai criar mais dois núcleos no país. Neste momento, decorre em Maputo um curso de reciclagem para a formação de 40 alunos que irão ser colocados nesses núcleos.

*O antropólogo Rafael da Conceição conversando com membros da Aldeia Comunal de Nandimba*

## RECOLHA DE DADOS

O responsável do ARPAC na província, o antropólogo Rafael da Conceição, acompanhado pela secretária da Associação de Amizade Franco-Moçambique, Nadine Monchau, e a técnica de audiovisuais do projecto, Andrea Dolfler, visitou entre os dias 23 e 31 de Outubro as brigadas que se encontram a trabalhar nos distritos de Mueda e Mocímboa da Praia, para verificar o trabalho realizado.

No distrito de Mueda o projecto tem o objectivo de recolher dados sobre a arte maconde e fazer o levantamento social e histórico das cooperativas de pau-preto e preparar uma monografia geral da Aldeia Comunal Nandimba. Este trabalho vai permitir avaliar e estudar a evolução das cooperativas e os problemas que enfrentam no processo produtivo e o apoio que lhes deve ser prestado em matéria de trabalho. Para além das 16 cooperativas de pau-preto que o distrito de Mueda possui, foram visitadas as cooperativas de olaria das mulheres.

Em Mocímboa da Praia, a brigada recolhe dados históricos sobre a população Mwani, faz monografia dos bairros Milamba e Mocímboa a Velha, levantamento e estudo da economia da comunidade marítima e a descrição das tradições ligadas à pesca. Este trabalho é realizado através de entrevistas com os moradores da sede.

*A Brigada do Arquivo do Património Cultural, quando colhia informações dos camponeses de Nandimba*

## CONHECER A REALIDADE

Nas visitas às cooperativas das aldeias comunais Namaua, Lyanda, Nimu, Miula, Nandimba, Wavi, Lutete; Magogo e a Cooperativa Moçambique, o antropólogo do ARPAC em Cabo Delgado, Rafael da Conceição, trabalhou com os cooperativistas, quando eles apresentaram os principais problemas que enfrentam no seu dia-a-dia. Falaram da falta de material de trabalho, escoamento das esculturas, casos de abandono de alguns membros, falta de apoio por parte das estruturas e a estagnação da produção.

Rafael da Conceição explicou que a visita não se destinava à resolução imediata dos problemas das cooperativas. Como primeira, servia para o conhecimento do número das cooperativas, quantos membros possuem e o que produzem, quais são os instrumentos de trabalho que usam e as principais dificuldades que deverão ser estudadas em conjunto para se encontrarem as vias de solução. Para tal, são preenchidas fichas de famílias dos cooperativistas.

*Esculturas maconde que aguardam escoamento*

*A escultura maconde para venda surgiu em substituição da máscara do «Mapiko»*

*Máscaras de «Mapiko» actuais com ornamentações*

Uma monografia da Aldeia Comunal Nandimba é outro trabalho da brigada para além da escultura maconde e a Xilogravura, arte que acaba de surgir e que os moradores de Nandimba aprenderam com uma cooperança suíça. Neste momento atravessa sérios problemas por falta de instrumentos e pela pouca aceitação que teve.

O escoamento é um problema sério nas cooperativas de pau-preto em Mueda. Muitas esculturas ficam armazenadas por muito tempo, aguardando compradores. A Galeria Nchetwane, de Pemba, retirou esculturas a título de empréstimo que nunca mais devolveu.

«As dívidas não foram até hoje liquidadas» — afirmaram os cooperativistas de pau-preto em Mueda. Em Nandimba, um comerciante privado de Maputo comprou muitos trabalhos e não foram pagos.

Quatro cooperativas preferem levar os seus trabalhos para a Beira e Maputo para os vender, em vez de esperarem pessoas da província, que não chegam. Outros abandonam em definitivo para irem esculpir em Nampula ou Beira e aí venderem a sua produção.

## CONHECER HISTÓRIA DA ESCULTURA MACONDE

O Projecto Arquivo do Património Cultural (ARPAC), da Secretaria de Estado da Cultura, está a fazer um levantamento sobre a história do surgimento da escultura maconde, na Província de Cabo Delgado. Uma brigada de três assistentes de investigação do projecto começou em Maio passado a trabalhar nas aldeias do distrito de Mueda com escultores de pau-preto e da máscara «mapiko», para obter informações sobre o passado desta arte.

Na Aldeia Comunal de Nandimba, os escultores disseram que na fase pré-colonial não existia a escultura maconde do planalto, somente com os começou quando chegaram os portugueses por necessidades de comércio. Este comércio não se fazia com os árabes, porque estes não conseguiram estabelecer contactos com o povo maconde do planalto, somente com os mwanis em Mocímboa da Praia.

Os escultores da Aldeia Comunal de Chacalanga, afirmaram que antes dos portugueses só existia a máscara «mapiko» feita em madeira branca leve. O trabalho era mais fácil com madeira branca do que em pau-preto porque os instrumentos de trabalho eram rudimentares, feitos localmente por ferreiros. O ferro era fabricado nas zonas baixas em pequenos fornos.

A máscara «mapiko» era interpretada como alma de deus ou pessoas mortas que vinham representar a dança divina para os vivos.

Quando os portugueses viram as máscaras quiseram comprá-las mas a população recusou-se com medo de denunciar o segredo delas ligadas que estão aos ritos de iniciação. No lugar das máscaras «mapiko» os escultores começaram a arte em pau-preto para a vender aos portugueses.

Existem o busto e a máscara facial. Os escultores afirmam que a máscara «mapiko» não tinha ornamentação e por isso se chamava «Chivanga», que significa crânio. As actuais possuem cabelos, tatuagens e tinta, são representações de dirigentes e outros heróis.